



BARCO
A VAPOR

Adeus é para super-heróis

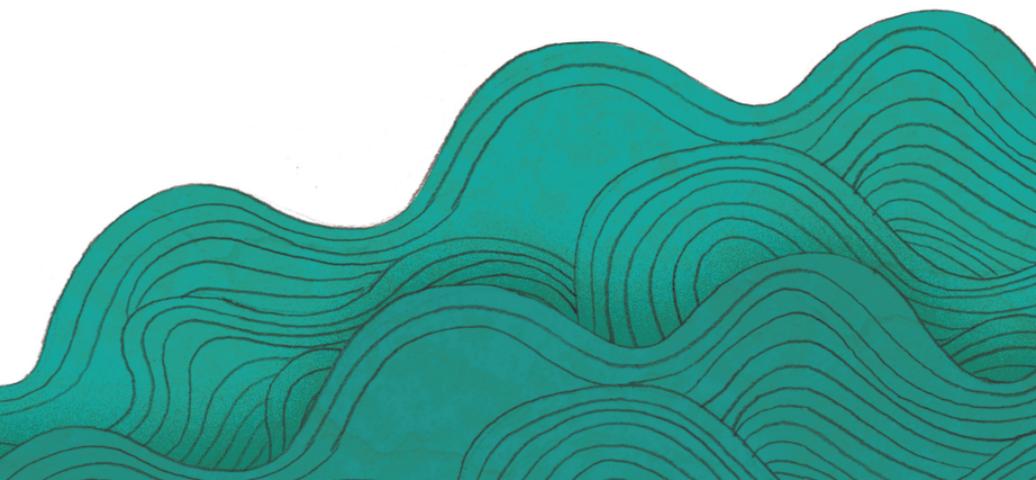
Isabela Noronha

Ilustrações
Bruna Assis Brasil

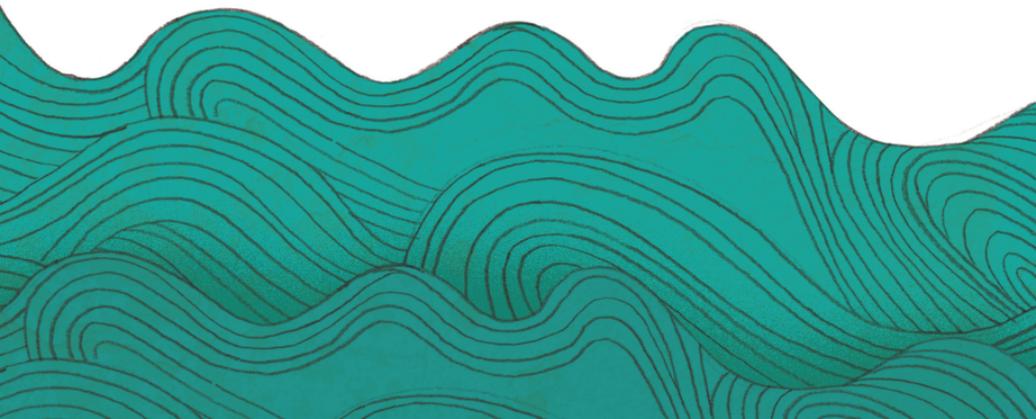


AGRADECIMENTOS

Aos meus pais, Fátima e Júlio, irmãos e cunhados; a Cristina e Gustavo; a toda a minha família e aos amigos (você sabem quem são!). Aos meus avôs e avós, especialmente à vó Fina, que agora tem um neto chamado Tom. Ao Afonso, pela orientação generosa; a Edições SM e a Graziela, pela delicadeza com que ajudou este livro a crescer. Ao professor Neil da Brunel University e aos colegas Kat, Mick, Barbara, Sally, Matina e Sheridan, os primeiros a acreditar nesta história.



*Para o menino que mora
no coração do Gabri, meu amor.
E para as crianças da minha vida:
Bia, Jojo, Mig, Rafa e Titi.*





TOMÁS TERTÚLIO TIMÉRIO JÚNIOR, o Tom, abriu um olho, depois o outro e os fechou de novo.

Ele tinha dois motivos para isso:

1. Sua garganta doía tanto, mas tanto, que chegou a imaginar o pescoço inchando até a largura dos ombros, quando então se transformaria num sapo – um sapo gigante de oito anos e, ainda por cima, de óculos.
2. Tom não queria ir à escola naquele dia, não mesmo.

Ainda enrolado no edredom azul, deu um tapa certo na capota do despertador Batmóvel para desligar o alarme. Apenas naqueles poucos minutos da manhã ele não adorava aquele relógio, último presente de seu pai, que, dois anos antes, tinha viajado para a “verdadeira Gotham City” e nunca mais voltou.

— Para você se lembrar de mim — disse ele pouco antes de partir para Nova York.

E Tom lembrava.

Mas ele não era o único a ouvir o toque do despertador.

Cinco, quatro, três, dois, um.

E lá estava a vó Fina para garantir que Tom se levantasse. Ela sacudia levemente as pernas do neto e, caso isso não funcionasse, fazia cócegas debaixo do braço, provocando uma invasão de risos nos bocejos dele.

— Você ri igualzinho a sua mãe! — dizia ela.

Tom não a conheceu. No entanto, sabia o que importava: a mãe tinha a risada de um garoto com sono e, de algum lugar longe demais para ver, mas perto o suficiente para sentir, ela o amava.



— Parece muito a risada dela! Muito mesmo! — garantia a vó Fina.

Pensar nisso fazia Tom sorrir. Só que não naquela manhã.

— Para, vó... Tô doente. Minha garganta tá doendo.

— Ah, deixa eu ver. Ponha a língua para fora.

Tom fez um esforço extra para mostrar toda a língua que conseguia. Se fosse mesmo virar sapo, era bom ir treinando.

— Boas notícias! Você está ótimo!

Ele duvidou.

— Mas tá doendo muito!

— Pare já com isso. Você não vai matar aula.

Antes que Tom pudesse responder, a avó já estava na cozinha preparando suco de laranja e pão com ovos mexidos para o café da manhã. Ele levantou-se devagar, certo de que sofria de uma doença misteriosa, terrível. Era o seu fim.

Aquela dor tinha começado no dia anterior quando ele esperava a vó Fina chegar para buscá-lo na escola. Estava encostado no muro



ao lado de Lucas, em silêncio, como só os melhores amigos conseguem ficar. Devorava parte do sanduíche de atum que tinham dividido, sem tirar os olhos do relógio do amigo, especialmente dos “milhares” de botõezinhos que Lucas jurava serem capazes de façanhas como mandar mensagens para *aliens* da longínqua Galáxia V e explodir uma bomba atômica em qualquer lugar do planeta.